

Contributos para o estudo da configuração dos *rituais verbais de descortesia* em programas de rádio portugueses

Carla Aurélio de Almeida

Departamento de Humanidades da Universidade Aberta

Abstract

Taking as reference an oral *corpus* consisting of verbal interactions presented in Portuguese radio phone-in programmes, we analyse the impoliteness in interactive oral discourse, highlighting the semantic and pragmatic aspects to co-construct interactional meaning and referring the particulars face-threatening strategies that take part in the rhetoric devices of offensiveness: verbal threats, rhetorical questions, repetitions, hyperboles, irony, sarcasm and ritual insults. We also analyse the pejorative action that disqualifies the hearer and the functioning of reparatory acts, such as apologies, that occur in interactions of polemic tone.

Keywords: Interactional Pragmatics, Impoliteness, Threats, Face

Palavras-chave: Pragmática Interacional, Descortesia, Ameaças, Face

1. Introdução

O enfoque teórico e metodológico deste trabalho é orientado por uma perspetiva semântico-pragmática do estudo da organização e funcionamento do discurso interativo oral processado em emissões de rádio e insere-se no âmbito do conjunto das problemáticas linguísticas que emergem no campo da Pragmática das sequências discursivas (Fonseca, 1992), da Análise Interacional (Kerbrat-Orecchioni, 1986) e da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1989).

Tendo por base um *corpus* oral constituído por cinco programas de rádio portugueses realizados em período noturno, com um formato de emissão em antena aberta configurado em torno de telefonemas de ouvintes (“radio phone-in programmes”) que regularmente se encontram neste *espaço interacional* (Kerbrat-Orecchioni, 1988b), analisaremos os usos estratégicos da linguagem para causar ofensa (Culpeper, 2011; Limberg, 2009; Bousfield; Locher, 2008; Labov, 1972).

Considerando a relação entre práticas discursivas e “comunidades de pensamento” (Gumperz, 1989), procederemos ao levantamento e análise das sequências de atos ameaçadores do discurso ou “Face Threatening Act = FTAs” (Brown; Levinson, 1987), isto é, ao levantamento das sequências de atos ilocutórios mais ameaçadoras da face negativa e das que ameaçam mais fortemente a face positiva dos participantes nestas

interações. Analisaremos como se realizam discursivamente os rituais verbais de indelicadeza e verificaremos de que modo os interactantes fazem a gestão das trocas interlocutivas quando usam a linguagem, ora para ofender ouvintes que entraram em antena, ora para ofender o auditório. Teremos, assim, como enfoque o funcionamento discursivo de segmentos “interacionalmente agressivos” (Norrick; Spitz, 2008) que ocorrem no contexto específico de emissões sobre temas polémicos como o futebol e a política. Verificaremos que o tom polémico deste discurso na rádio (Hutchby, 1996) é produzido através de segmentos discursivos que constituem atos de insulto, de censura, de crítica e de ameaça menos adequados às convenções sociais de cortesia. Estes atos constroem, por sua vez, o locutor de rádio, representante institucional da estação, a uma certa distanciamento e à produção de atos com o valor ilocutório de aviso que, regularmente, coocorrem com atos indiretos de conselho e de pedido cortês, exigindo a produção de “trocas reparadoras” (Goffman, 1974), como o ato de pedido de desculpa (Kerbrat-Orecchioni, 1988a). Consideraremos, especificamente, o funcionamento dos atos diretivos de aviso e de ameaça em confronto com atos de conselho, tendo por base a condição do conteúdo proposicional destes atos (Searle, 1984). Equacionaremos ainda, com base nas intervenções dos ouvintes realizadas nestas emissões de rádio, a *ironia citacional* (Kerbrat-Orecchioni, 1986: 150) e analisaremos as variedades discursivas da ironia verbal (Gibbs, 2012: 105). Deste modo, na linha de Catherine Kerbrat-Orecchioni (1986: 24), consideraremos que a cooperação e o conflito, “duas propriedades do diálogo” (*Idem*), ocorrem, em graus diversos, nas interações de rádio em análise. Ter-se-á, assim, presente que “(...) a cortesia e a descortesia verbal são sempre manifestações verbais que visam atingir, directa (alocutivamente) ou indirectamente (delocutivamente), o outro, mesmo quando somos corteses ou descorteses em relação a nós próprios (elocutivamente)” (Rodrigues, 2003: 169).

2. A descortesia: os usos da linguagem na ofensa verbal

Na base da análise da (des)cortesia está a distinção de P. Brown e S. Levinson (1978) entre *delicadeza positiva* (estratégias de valorização da imagem dos falantes) e *delicadeza negativa* (estratégias de evitação da ameaça potencial dos atos).

Kerbrat-Orecchioni (1992) salienta que os atos variam em grau de intensidade em termos de maior ou menor ameaça da face dos interactantes, alargando o estudo das estratégias de cortesia ao estudo do funcionamento na interação dos atos ameaçadores do

discurso (“Face Threatening Act = FTAs”) e dos atos que valorizam as faces do interlocutor (“Face Flattering Act = FFAs”). Mesmo atos intrinsecamente não ameaçadores podem ameaçar, em menor grau, uma das faces. Por exemplo, em Almeida (1998), referimos que os atos de oferta e de convite são atos intrinsecamente marcados por delicadeza positiva orientada para a face positiva do alocutário. No entanto, verificámos que tal delicadeza está também orientada para a face negativa do alocutário, pois estes atos são não só solicitados pelo alocutário, mas também constituem atos em que o alocutário fica constrangido a revelar gratidão com atos de agradecimento e com ações futuras. A propósito da oferta refere-se o seguinte: “Compreende-se deste modo que este acto exija um adequado trabalho de figuração, tentando o locutor da oferta minimizar os custos e os méritos do acto para exaltar os méritos e/ou valor simbólico do alocutário, enquanto este último procura minimizar os seus méritos e salientar os custos e o valor simbólico do acto em análise” (Almeida, 1998: 172).

A expressão da descortesia revela a emoção na interação (Plantin *et al.*, 2000) e denota um forte “envolvimento conversacional” (Tannen, 1989: 11; Gumperz, 1982: 2-3) dos participantes nas trocas discursivas¹.

Marina Terkourafi (2008) distingue rudeza de indelicadeza. Segundo esta autora, na rudeza, L1 (=Locutor 1) tem a intenção deliberada de ameaçar a face; na indelicadeza, L1 não tem essa intenção deliberada. Outros autores, como Bousfield (2008), problematizam e referem o carácter intencional da indelicadeza e relacionam este aspeto com a noção de Grice de “reconhecimento da intenção comunicativa” (Grice, 1975; cf. também a noção de “uptake” de Austin, 1962). A descortesia tem como objetivo a *intencionalidade gratuita* (Bousfield, 2008: 132; Bousfield; Locher, 2008) de ameaçar a face do alocutário através de atos ameaçadores da face positiva deste último (FTA’s= Face threatening act). A descortesia envolve, assim, comportamento comunicativo com a intenção de causar a ofensa, a “perda da face” de um alvo ou interpretado como alvo (Culpeper, 2011). Deste modo, descortesia ou indelicadeza ocorre quando uma expressão usada não é convencional relativamente a um contexto de ocorrência ou ameaça da face.

Neste sentido, no “jogo verbal” (Goffman, 1974) da expressão de descortesia, o alocutário reconhece a intenção comunicativa de que o locutor quis causar-lhe alguma ofensa, salientando o carácter interativo deste uso da linguagem.

¹ Os estudos realizados pela Sociolinguística Interacional e pela Análise Conversacional centraram-se na comunicação das emoções no “falar em interação” (“talk in interaction”), permitindo o estudo dos fenómenos gramaticais, lexicais, prosódicos e interacionais que servem para comunicar as emoções (Günthner, 2011: 574).

Culpeper (1996) refere que a indelicadeza tem por base a delicadeza, isto é, aquela diz respeito à “ausência de trabalho de cortesia onde ele é esperado”; não referir “obrigado”, “não agradecer a alguém por um presente pode ser considerado uma indelicadeza deliberada” (Culpeper, 2005: 42, citado em Culpeper, 2011).

3. A retórica de denegrir

Os ouvintes que participam em programas de rádio com temáticas institucionais de cariz polémico visam, regularmente, denegrir/desvalorizar as opiniões contrárias às suas. Esta retórica de denegrir ocorre no *corpus* por nós delimitado em Almeida (2005), especificamente no programa *Bancada Central* e no programa *Boa Noite*. O programa *Bancada Central* era emitido na *TSF* (4 emissões transcritas, datadas de 1998) em todos os dias úteis, entre as 21h00m e as 22h00m, e o programa *Boa Noite* era emitido na *Rádio Renascença* (foram transcritas 24 emissões, datadas de 1998) em todos os dias úteis, da 00h00m às 2h00m.

Regularmente, nestas emissões com temáticas de cariz institucional, ocorrem procedimentos de acumulação. Com efeito, o discurso de denegrir repousa na enumeração, na repetição e na reformulação de qualificações pejorativas, podendo, por vezes, ocorrer atos de ameaça física que visam a intimidação, como iremos analisar nos pontos seguintes.

Tivemos assim por referência as seguintes perguntas de partida: como se processa a qualificação pejorativa e a retórica de denegrir em emissões específicas de rádio do *corpus* constituído? Que atos diretivos ocorrem nestas sequências de tom polémico? As estratégias discursivas de desqualificação do alocutário refletem o “envolvimento conversacional” (Tannen, 1989: 1)?

3.1. Modalidade epistémica ao serviço da descortesia (FTA's)

Nos programas de rádio sobre o futebol, ocorrem sequências de justificação que funcionam não como estratégias de mitigação (Laver, 1981), mas como estratégias discursivas de intensificação da ameaça e que fazem parte de um ritual de insulto expresso através de atos expressivos de lamento:

(1)

Programa: Bancada Central; Data: 04/05/1998; Tema: “Último Jogo Benfica-Porto”; Ouvinte n.º 283, masculino, Damaia.

Ouvinte: O estofo de campeão demonstra-se na atitude, na postura em campo, no modo como se encaixam as derrotas e no modo como se festejam as vitórias. E mais uma vez o F.C.Porto tristemente mostrou que não tem nada disso. E portanto eh... eu diria que se o Benfica é um circo se calhar os palhaços estão todos noutra sítio, não é, porque tem-se falado falado muito em embuste tem-se falado em não sei quantos...

Locutor - Atenção ao tempo.

Ouvinte - Sim senhor, vou já terminar. Tem-se falado muito em embuste, mas afinal parece que o embuste está noutra sítio. Mais uma vez é lamentável que o campeão do tetra se comporte como o campeão da treta. Boa noite F. C., um abraço.

Nesta sequência de fecho, verificamos que a primeira intervenção realizada pelo ouvinte expressa a atitude do enunciador, não se responsabilizando totalmente pela validação da relação predicativa, distanciando-se do que é dito através do uso de um verbo introdutor do discurso (verbo *dicendi*) no Condicional “eu diria que” e por expressões que modalizam o discurso, como “se calhar”, ao serviço da expressão da modalidade epistémica no domínio do incerto: “eu diria que se o Benfica é um circo se calhar os palhaços estão todos noutra sítio, não é (...)”. A *pergunta-tag* (“não é”) mitiga o que é dito no conteúdo proposicional da asserção (Fraser, 1980: 349), funcionando como um antiorientador da ameaça da face positiva dos ouvintes que pertencem ao Futebol Clube do Porto.

A emoção na interação revela-se na repetição da sequência de justificação “porque tem-se falado falado muito em embuste tem-se falado em não sei quantos...” e “Tem-se falado muito em embuste”. Esta sequência repetida coocorre com o conector de justificação/explicação “afinal” (Lopes, 2008), presente no segmento “mas *afinal* parece que...”. Este conector, segundo Lopes (2008), introduz “um argumento forte que explica/justifica a proposição expressa no primeiro segmento da construção (...)”. O segmento “mas *afinal* parece que o embuste está noutra sítio” possibilita, assim, a credibilização do que é dito através de um argumento que configura “uma assunção consensual” (Lopes, 2008: 13). Este argumento contribui, pois, para intensificar a ameaça e apresentar um FTA com o insulto final “campeão da treta” expresso através de um ato expressivo de lamento²: “Mais uma vez é lamentável que o campeão do tetra se comporte como o campeão da treta”. De seguida, o ouvinte produz a sequência de fecho prototípica constituída pelas saudações: “Boa noite F. C., um abraço”.

² Para uma análise dos atos expressivos em português, cf. Palrilha (2009).

3.2. A qualificação pejorativa e a ironia verbal: processos discursivos de intensificação da ameaça e estratégias de reparação da ofensa verbal

Raymond W. Gibbs (2012: 104) refere que a ironia verbal constitui um termo geral para diferentes formas de linguagem irónica, incluindo sarcasmo, tom jocoso, hipérbole, perguntas retóricas e eufemismos/atenuações que permitem revelar a discrepância entre uma realidade e o que as pessoas esperam dela (Gibbs, 2012: 105).

Nos programas de rádio sobre o futebol ocorre um “jogo agonal” (André-Larochebouvy, 1984), constituído pela expressão do sarcasmo, realizada através de dispositivos discursivos específicos: perguntas retóricas, atos de insultos e pedidos de desculpa que, restringidos apenas ao locutor de rádio, ameaçam fortemente os ouvintes, a quem não se pede desculpa. Estes fenómenos discursivos, nestes programas, funcionam como estratégias discursivas de intensificação da ameaça da face.

Atentemos no seguinte exemplo:

(2)

Programa: Bancada Central; Data: 4/05/98; Tema: “Último jogo Benfica-Porto”; Ouvinte n.º. 285, masculino, Linda-a-Velha.

Ouvinte: E agora quem é que paga isto? O Porto de facto devia era ser desclassificado do campeonato. Ele ganhou o campeão, é campeão, ninguém lhe tira o mérito, mas campeões destes, isto não é campeões são campeões feitos por panela de pressão. Como são campeões de panela de pressão só tenho a dizer que de facto quem quem transmite a revolta... Eles devem beber vinho do Porto daquele estragado, devem ter vinho daquele azedo, pois deve ter veneno ou qualquer coisa, porque eles de facto mesmo com o “treta” ganho vêm fazer uma vergonha destas, isto é isto é indisciplina.

Olhe senhor F. C. sou um grande admirador do seu programa, oiço-o todas toda a noite, todas as noites seja à hora que for, às onze, à hora que o senhor fizer o programa eu oiço sempre, tenho um grande prazer de o ouvir...

Locutor - Muito obrigado.

Ouvinte - e... peço desculpa isto tudo, mas o Porto não merece não merece nada porque são uns indisciplinados, uns insurretos, e de facto não mereciam qu'algum lhe servisse nada, do Porto até aqui a Lisboa, não mereciam qu'algum lhe servisse nada, porque quando eles param é só pra destruir, e pra destruir é nós não precisamos de muita gente. Peço desculpa.

Locutor - Pronto. Muito boa noite. Participação do... ouvinte de Linda-a-Velha, C. P..

Como forma de intensificação da ameaça da face positiva dos ouvintes do Futebol Clube do Porto, o ouvinte n.º 285 realiza diversos dispositivos: a pergunta retórica “E agora quem é que paga isto?” e o sarcasmo produzido através do ato de asserção expresso no segmento “são campeões de panela de pressão”. Estamos perante uma asserção estrita positiva com valor modal no domínio do certo que intensifica o valor axiológico negativo do sarcasmo. Há um jogo humorístico entre o nome do Clube e o vinho do Porto que é caracterizado através de adjetivos “estragado”, “azedo”, com carga negativa, expressos numa asserção modal no domínio do incerto, como revela o verbo modal “dever”: “Eles *devem* beber vinho do Porto daquele estragado, *devem* ter vinho daquele azedo, pois *deve* ter veneno ou qualquer coisa”. Esta asserção coocorre com a sequência de justificação que intensifica a ameaça com o trocadilho “treta”/ “tetra”: “porque eles de facto mesmo com o ‘treta’ ganho vêm fazer uma vergonha destas, isto é isto é indisciplina”. O efeito de distorção voluntária está destacado no trocadilho e é esta aproximação inesperada que produz o humor.

Estas fórmulas intensificadoras do discurso inscrevem-se nas *formulações extremas* referidas por Derek Edwards como reveladoras da emoção na interação (Edwards, 2000: 347). Ritualmente, os ouvintes que as produzem realizam atos de elogio ao programa de rádio e ao moderador (“Olhe senhor F. C. sou um grande admirador do seu programa, oiço-o todas toda a noite”), seguidos de atos de pedido de desculpa expressos através do performativo explícito “e peço desculpa isto tudo” em coocorrência com sequências de justificação com adjetivos que insultam o referente que se crítica: “porque são uns indisciplinados, uns insurretos”. Este ato de insulto ao referente “adepto do Porto” visa ouvintes anteriores do Futebol Clube do Porto. Por isso, o ouvinte reitera o pedido de desculpa através do performativo explícito na primeira pessoa do singular “Peço desculpa”.

Como forma de restabelecer o equilíbrio entre as faces dos interlocutores, os locutores de rádio destes programas reagem com estratégias de minimização da ofensa: “Pronto” (interação com o ouvinte n.º 285), “Não, não tem que, não tem que pedir desculpa, bastava uma vez, não tem problema nenhum” (interação com o ouvinte n.º 295).

Assim, estas intervenções iniciativas de pedido de desculpa, que visam reparar uma ofensa cometida, têm como intervenção reativa uma reação positiva com a realização implícita do que C. Kerbrat-Orecchioni chama de « la (dé)negation de l’offense » (1988a: 97).

Segundo D. André-Larochebouvy, este ato de minimização ratifica o ato de pedido de desculpa (1984: 167).

Nestes programas de tom polémico, os ouvintes que são a favor de um determinado argumento realizam, igualmente, atos de insulto marcando o seu ponto de vista:

(3)

Programa: Bancada Central; Data: 4/05/98; Tema: “Último jogo Benfica-Porto”; Ouvinte nº. 286, masculino, Amadora.

Ouvinte - Olhe F. C., vou tentar ser telegráfico porque calculo que haverá muita gente em linha, e não quero fazer como alguns “habitués” que fizeram desta Bancada um palco, onde diariamente derramam a sua alienação fundamentalista.

[...]

Eh... foram tetra humilhados aqui na Capital, eh... e o mais grave deram tétricos espetáculos, eh... como ainda ontem vimos, e depois caíram sempre no ridículo de cuspirem no prato onde comem, ou seja, na arbitragem. [...] Por isso é que eu disse aqui uma vez neste programa que isto era um campeão da treta [...] do tetra e dos tretas, porque o Sporting foi campeão com os cinco violinos, e é uma ofensa aos sportinguistas se esse jogo se realizar. Façam um boicote em nome do Clube dos Milhentos. Se esse jogo se realizar sportinguistas não vão lá.

Boa noite F. C., peço-lhe desculpa.

Este ouvinte nº. 286 retoma o jogo de palavras “tetra” e “tretas” (“isto era um campeão da treta [...] do tetra e dos tretas”) justificando esta caracterização: “porque o Sporting foi campeão com os cinco violinos, e é uma ofensa aos sportinguistas se esse jogo se realizar”.

A sequência de justificação faz parte de um texto argumentativo, sendo neste caso um argumento a favor do primeiro argumento (Lopes, 2009: 251) apresentado na primeira asserção: “Prototypically, a justification construction is a discourse involving two sequential speech acts, the second one being an act of justification of the initial assertion, functionally equivalent to a conclusion” (Lopes, 2009: 249). Esta sequência de justificação é, nestes programas de rádio, regularmente seguida de um ato de apelo: “Façam um boicote em nome do Clube dos Milhentos. Se esse jogo se realizar sportinguistas não vão lá” seguido de ato de pedido de desculpa explícita dirigido ao locutor de rádio: “Boa noite F. C., peço-lhe desculpa”.

3.2.1. Hipérbole, repetições intensificadoras, perguntas retóricas e sarcasmo na expressão de denegrir

Dado o carácter *institucional* do discurso produzido em programas de tom polémico, estas emissões de rádio mantêm o “foco de atenção temática” (Heritage, 1985: 100) e os participantes desenvolvem processos discursivos de intensificação:

(4)

Programa: Boa Noite; Data: 14/10/98; Tema: Regionalização; Ouvinte nº. 136, masculino, Porto.

Ouvinte: Isto está como uma lâmpada fundida aqui em cima de cada pergunta, quer dizer, não se vê nada, não diz nada, não diz nada de nada, nada a ninguém.

Se calhar as pessoas, eu tenho a impressão que há muita gente, e por uma das entrevistas que ouvi um dia destes na Rádio Renascença, há muita gente que vai votar a julgar que vai votar no aborto ainda outra vez. O que vai dizer quer dizer que isto agora vai mesmo abortar, este referendo.

[...] não sei se está a entender a donde eu quero chegar, e o o auditório todo eh eh a donde eu quero chegar.

[Pergunta retórica] Quem é que percebe uma pergunta destas?

A intensificação desenvolve-se através de comparações (“como uma lâmpada fundida”), de hipérboles (“não se vê nada”), de repetições intensificadoras (“não diz nada, não diz nada de nada, nada a ninguém”) e através da realização de perguntas retóricas (“Quem é que percebe uma pergunta destas?”). Para além disso, está presente no discurso o humor e o sarcasmo com a realização de uma linguagem figurada que joga com o referendo sobre o aborto e o da regionalização, cruzando-os na expressão “isto agora vai mesmo abortar, este referendo”.

3.2.2. Ironia citacional: o procedimento de exagero na caracterização

A ironia verbal pode ser estudada em diversas perspetivas. Laurent Perrin (1993) refere dois procedimentos na ironia verbal: a) uma antífrase baseada numa contraverdade, numa evidência situacional suscetível de demonstrar o que é expresso; b) um procedimento de exagero, i. e., o locutor finge aderir a uma opinião para fazer uma caricatura (Perrin, 1993).

Atentemos neste último procedimento e observemos o modo como o ouvinte nº. 133 cita outro ouvinte anterior (“ironia citacional”, segundo Kerbrat-Orecchioni, 1986: 150), ridicularizando a asserção proferida anteriormente através do procedimento de exagero:

(5)

Programa: Boa Noite; Data: 14/10/98; Tema: Regionalização; Ouvinte n.º 133, masculino, Caxias.

Ouvinte - Agora é que eu ouvi um senhor há pouco falar eh... que deixava d'haver falta de médicos, problema de habitação, transporte, água, luz, quer dizer, eu acho qu'isso pra mim não é regionalização, isso seria talvez um terceiro milagre! Não, acho que... por aí não, não entro... portanto, ele falou por exemplo na na Expo, na Torre (Torre eu julgo que seria a das Antas, não seria o Centro Cultural de Belém), eh... tá a ver ainda não há regio regionalização e dá a sensação que já há um pouco essa guerrilha no ar de e eu julgo que é isso que... é o que me leva a escolher o ser contra, [...]

Este ouvinte retoma o que disse um ouvinte anterior a favor da regionalização para destruir a sua opinião: “isso não é regionalização, isso seria talvez um terceiro milagre!”. A modalidade epistémica no domínio do incerto é expressa neste enunciado através do condicional (“seria”) e do advérbio “talvez” para reforçar ainda mais a não validação dos argumentos do ouvinte que se pretende ridicularizar. A sequência de aparte – “Torre eu julgo que seria a das Antas” – desqualifica a opinião do ouvinte, reportando-se, de modo sarcástico, à ambiguidade que existiria entre Torre de Belém e Torre das Antas e reforçando esta desqualificação através do segmento “não seria o Centro Cultural de Belém”.

3.2.3. A qualificação pejorativa no sarcasmo e os risos

No sarcasmo, ocorre uma qualificação pejorativa de um referente interpretado como alvo de uma qualificação de valor axiológico negativo:

(6)

Programa: Clube da Madrugada; Data: 26/2/98; Tema: Jardins Zoológicos; Ouvinte n.º 242, masculino, Carregal do Sal.

Ouvinte - eh, e... parece-me que na Assembleia da República também é a mesma coisa. Eles não estão no seu habitat natural, não é, têm ajudas de custo, têm todos os paparicos, e também é semelhante, quer dizer, as pessoas que visitam o Jardim Zoológico normalmente são pessoas barulhentas, porque são de tenra idade, não é, (riso) [...]

Neste exemplo, o ouvinte compara os deputados na Assembleia da República aos animais no Jardim Zoológico, realizando uma qualificação pejorativa com base na falta de humanidade atribuída aos deputados na Assembleia da República. A produção destes segmentos de qualificação pejorativa coocorre com os risos que denotam o tom jocoso do discurso em análise.

3.3. Rituais verbais de insulto

De acordo com William Labov (1972), os rituais de insulto fazem parte do “conhecimento compartilhado” de uma comunidade particular, obedecendo a padrões bem estabelecidos (Labov, 1972: 306).

No caso dos programas de rádio sobre o futebol português e sobre um tema específico em que o ouvinte se revele a favor ou contra, a descortesia ocorre ora como *afiliação exacerbada* ao grupo, ora como *afastamento* do grupo (Marlangeon, 2008: 729).

3.3.1. O ato com o valor ilocutório de ameaça

Regularmente, nestas emissões polémicas, os locutores de rádio produzem atos diretivos de aviso e de conselho para o ouvinte moderar o seu discurso quando este último realiza atos de discurso com o valor ilocutório de ameaça.

A condição essencial (“condição de felicidade”, Searle, 1984) dos atos de aviso ou de conselho vale como o assumir, no primeiro caso, que o ato Q não é do interesse do alocutário e, no segundo caso, que o ato Q é do interesse do alocutário. Como afirma Searle, “avisar é como aconselhar, e não como pedir” (Searle, 1984: 89).

O ato de ameaça, por seu lado, constitui uma tentativa de fazer com que o alocutário proceda de modo a evitar Q por força da relação de mais autoridade sobre o alocutário, comprometendo-se o locutor a realizar Q caso o alocutário continue a realizar um certo comportamento. Tal como no ato de ordem, o ato de ameaça apresenta uma relação instituída de [+ Autoridade] que prejudica a condição essencial deste ato de discurso valendo como o assumir que Q não é do interesse do alocutário em virtude da autoridade e força do locutor sobre o alocutário. Segundo Holger Limberg, os traços que caracterizam as ameaças são a força diretiva e manipuladora, a asserção (momentânea) do poder e a carga emocional dos falantes envolvidos (2009: 1378).

Atentemos no seguinte exemplo com um ato de ameaça realizado de modo hipotético:

(7)

Programa: Bancada Central; Data: 4/5/98; Tema: “Último Jogo Benfica-Porto”; Ouvinte n.º. 289, sexo masculino, Ermesinde.

Ouvinte: Na minha opinião, a atitude do Lula até foi branda demais, porque a ser feita a justiça devida, o treinador do Benfica teria de ser alimentado com a ajuda duma palhinha, já que teria certas dificuldades em mastigar.

Por último faço aqui um apelo para que a cafeína e os canabis não se tenham transferido definitivamente para a Luz, já que o olhar de Tiago demonstrou qualquer coisa de anormal numa pessoa que se pensa ser normal.

Como nota final diria não sei como uma vitória sobre um clube regional poderá dar tanto azo a esta euforia.

Muito boa noite, e um abraço pó meu amigo.

Locutor - Obrigado, igualmente, muito boa noite.

Neste exemplo, a sequência de justificação que explica a primeira asserção (“a atitude do Lula até foi branda demais”) contém um ato de ameaça implícito realizado através de uma expressão hipotética irreal: “porque a ser feita a justiça devida, o treinador do Benfica teria de ser alimentado com a ajuda duma palhinha, já que teria certas dificuldades em mastigar”.

O ouvinte qualifica pejorativamente um terceiro ausente constituído pelo treinador do Benfica e pelo jogador Tiago, atribuindo um valor axiológico negativo a dois representantes de um mesmo Clube para, de modo indireto, criticar fortemente todo o Clube do Benfica que, nomeado de modo genérico, não está em condições de replicar.

A intensificação da qualificação pejorativa é feita num segmento de apelo e através de um processo humorístico que tem por base um *jogo de figuras* atribuindo aos substantivos “cafeína” e “canabis” ações como a de “ser transferido para um Clube”, predicado que, na linguagem futebolística, se aplica aos jogadores de futebol: “faço aqui um apelo para que a cafeína e os canabis não se tenham transferido definitivamente para a Luz”. Estes efeitos obtidos através de diversos processos como as hipérboles e atos de ironia constituem “meios de romper com a banalidade de uma qualificação pejorativa” (Vincent *et al.*, 2008: 56).

3.3.2. Realizações indiretas ao serviço da descortesia e o léxico do ritual de insulto

Nestes programas, ocorre também um dispositivo de negar o que se vai dizer para, deste modo, explicitar o que se pensa de modo indireto e para realizar, de seguida, atos de insulto:

(8)

Programa: Bancada Central; Data: 4/05/98; Tema: “Último jogo Benfica-Porto”; Ouvinte n.º 290, masculino, Gondomar.

Ouvinte - Eh eu não vou aproveitar este tempo de antena para chamar vigarista ou charlatão a ninguém, e muito menos ameaçar em antena, em direto, com porrada algum árbitro. [...] Quanto ao jogo, portanto este fim de semana houve houve o F.C.P. ou mais propriamente o “futebol caceteiros do Porto”, decidi começar a jogar logo no Pombal e marcou 0-1 na área de serviço, depois fez 0-2 em Leiria. [...]

Quanto ao caso do Alverca e essa é uma linha com todas estas decisões sempre ao contrário da anterior, vê-se que Portugal que o futebol português é um lodaçal de interesses avulso. É tudo avulso e à maneira de quem suborna mais. É neste lodaçal nojento que o Porto se sente bem e vai ganhando campeonatos.

Boa noite e um abraço Sr. F. C..

Locutor - Boa noite.

O ouvinte n.º 290 através de asserções negativas crítica, de modo indireto, o ouvinte anterior que ameaçou o árbitro e termina qualificando pejorativamente os adeptos de outro clube através do uso de expressões com valor axiológico negativo: a ocorrência de SN específicos como “futebol caceteiros do Porto” em substituição de “futebol clube do Porto”; o emprego de verbos como “subornar”; o uso de expressões como “lodaçal de interesses avulso” e “lodaçal nojento”. Estas expressões descrevem, de modo genérico, os adeptos de um clube de futebol, salientando o carácter genérico e impessoal destes rituais (Labov, 1972: 321).

3.3.3. Dispositivo retórico de desqualificação da face: os atos de elogio em coocorrência com atos de crítica

Nestes programas, são também os ouvintes que denunciam um dispositivo retórico comum nestas emissões: o elogio de um referente para desqualificar outro por comparação

e o dispositivo de negar o que se vai dizer para, deste modo, explicitar o que se pensa de modo indireto.

Atentemos no seguinte exemplo:

(9)

Programa: Bancada Central; Data: 4/05/98; Tema: “Último jogo Benfica-Porto”; Ouvinte n.º. 292, masculino, Lisboa.

Ouvinte - Portanto, quanto a esses eu acho que... que não que não estiveram bem porque as pessoas têm que ver o jogo e analisar a coisa a frio como um ouvin... como um ouvinte aí tava a dizer, qu’o qu’o senhor de Coimbra analisou tudo a frio, mas no se ele a seguir veio depois borrar a pintura toda, desculpe-me o termo, é que ele pôs-se depois ainda pior, disse mais mal que aqueles que disseram mal. Portanto, quer dizer, as pessoas que vêm elogiar uma atitude doutro devem-se pôr também com a mesma atitude, com a mesma postura, não é depois virem pá a dizer isto aquilo e aqueloutro qu’eu não vou dizer aqui. Eu não chamo eh... nomes òs òs òs òs dirigentes do Porto, não é, não faço isso, claro que não, nem devo fazer, e acho mal a quem o faz.

O ouvinte n.º. 292 produz um ato de crítica denunciando o dispositivo retórico desenvolvido por ouvintes que entram na emissão para produzirem atos com valor ilocutório de elogio ao desempenho verbal de um ouvinte anterior, mas com o objetivo de contrariar uma expectativa (caso da “cortesia agressiva”, como refere Aldina Marques, 2008), pois, na sequência conversacional, estes atos de elogio estão ao serviço de uma maior desqualificação de outros ouvintes: “Portanto, quer dizer, as pessoas que vêm elogiar uma atitude doutro devem-se pôr também com a mesma atitude, com a mesma postura, não é depois virem pá a dizer isto aquilo e aqueloutro qu’eu não vou dizer aqui”. Neste ato de crítica ocorre a expressão idiomática “borrar a pintura toda” que reforça a asserção avaliativa com valor axiológico negativo que o ouvinte expressa em relação à atitude do ouvinte de Coimbra (“o senhor de Coimbra”).

3.3.4. Trocas reparadoras e atos ameaçadores em coocorrência

As trocas reparadoras, nestas emissões de tom polémico, estão frequentemente ao serviço de uma estratégia de ameaça da face de outros ouvintes, configurando o uso de uma “cortesia agressiva” (Marques, 2008: 292), exigindo a reinterpretação do que é dito.

Como se orientam apenas para o locutor de rádio, estes pedidos de desculpa ameaçam fortemente a face positiva dos ouvintes, a quem se diz que não merecem receber um pedido de desculpa, tratando-se de um uso estratégico da cortesia:

(10)

Programa: Bancada Central; Data: 5/05/98; Tema: “A demissão de Vasco Pinto Leite da Presidência do Conselho Fiscal do Benfica”; Ouvinte n.º. 295, masculino, Ermesinde

→Ouvinte - Antes do mais eh... eu gostaria de pedir desculpas ao meu amigo Fernando Correia, só única e simplesmente, não peço desculpas a mais ninguém. Assumo aquilo que disse e tomo a responsabilidade por isso. Agora peço imensa desculpa ao meu amigo Fernando Correia, porque é o responsável pelo programa e eventualmente terá a responsabilidade das pontas pelo programa e os ouvintes que enfim vai tendo que aturar, não é. Prontos, peço-lhe mais uma vez desculpa ó meu amigo Fernando Correia, a mais ninguém, não peço desculpas a mais ninguém e assumo tudo aquilo que disse.

[...]Muito boa noite senhor Fernando Correia, um abraço e peço-lhe mais uma vez imensa desculpa.

Locutor - Não, não tem que, não tem que pedir desculpa, bastava uma vez, não tem problema nenhum. Quando puder eh... fale comigo. Gostava muito de falar consigo, mas eh fora do programa.

Estes atos de pedido de desculpa como estratégias de delicadeza negativa (de evitação) orientados para a face positiva do locutor de rádio fazem parte de uma “macroestratégia de argumentação indireta” (Marlangeon, 2008: 730) no sentido em que permitem ao locutor que os produz levar o auditório a aderir ao seu ponto de vista, no quadro de um *afastamento* em relação a um grupo específico (o clube de adeptos que se critica), ameaçando a face positiva dos ouvintes que são excluídos do pedido de desculpa.

A minimização “não tem que pedir desculpa”, “não tem problema nenhum” atenua a necessidade que o ouvinte n.º. 295 tem de realizar, de modo reiterado, atos de pedido de desculpa dirigidos ao moderador do programa e “a mais ninguém” e que constituem uma ofensa explícita aos intervenientes anteriores. Daí a necessidade de o locutor de rádio fazer um ato de convite³ para ambos falarem “fora do programa”, num espaço fora da antena

³ Para uma análise do ato de convite em interações verbais do quotidiano, cf. Almeida, 2000: 199-236.

aberta para que se possa repor futuramente o “equilíbrio interacional” entre participantes nestes programas sobre o futebol português.

4. Conclusão

Derek Edwards (2001: 236) refere que, do ponto de vista discursivo, a expressão da emoção pode ser analisada no âmbito do trabalho interacional (Goffman, 1974), isto é, através da análise de estratégias discursivas (Gumperz, 1989) que denotam o “envolvimento conversacional” (Gumperz, 1982). Esta última noção enfatiza, assim, a natureza interativa da interação conversacional e tem por base a noção de que a interpretação do sentido é uma coconstrução realizada entre locutor e alocutário (Gumperz, 1982: 2-3).

A construção de um discurso emotivo em emissões de rádio de tom polémico tem por base a realização de rituais verbais com sequências de atos de discurso ameaçadores da face e o desenvolvimento de dispositivos retóricos que visam objetivos interacionais de descortesia.

Nas emissões de rádio com temáticas institucionais como o Futebol, a Regionalização e os Políticos, verificamos que a ironia, o sarcasmo e o insulto fazem parte de uma competência retórico-pragmática que revela a partilha de um *saber comum*.

Nestas interações de tom polémico, as repetições da fala, as fórmulas intensificadoras do discurso, os atos de ameaça, a qualificação pejorativa, as perguntas retóricas, o léxico do insulto, a ironia citacional e o sarcasmo são dispositivos linguísticos de uma retórica de denegrir que revelam a emoção e o poder dos intervenientes que produzem estas estratégias discursivas que desqualificam e causam ofensa.

Referências

- Almeida, C. A. de (1998) O acto ilocutório de oferta em português. In J. Fonseca (org.) *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português*, Tomo III. Porto: Porto Editora, pp. 157-221.
- (2000) Convi(dar)te. Análise pragmática dos actos ilocutórios de oferta e convite em interacções do quotidiano. *Cadernos de ciências sociais*, 19/20, pp. 199-236.
- (2005) *Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*. Dissertação de

- doutoramento em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa, Universidade Aberta.
- André-Larochebouvy, D. (1984) *La Conversation quotidienne*. Paris : Didier.
- Austin, John (1962) *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bousfield, D. (2008) Impoliteness in the struggle for power. In. Derek Bousfield; Miriam Locher (eds) *Impoliteness in language: studies on its interplay with power in theory and practice*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, pp. 127-154.
- Brown, P.; Levinson, S. (1978) Universals in language Use: Politeness phenomena. In. E. Goody (ed.) *Questions and politeness: strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 56-289.
- Culpeper, J. (1996) Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics* 25, pp. 349-367.
- (2011) *Impoliteness. Using language to cause offense*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Edwards, D. (2000) Extreme case formulations: softeners, investment and doing nonliteral. *Research on language and social interaction*, 33, 4, pp. 347-373.
- (2001) Emotion. In. M. Wetherell *et al.* (eds.) *Discourse theory and practice. A reader*. London: Sage, 236-246.
- Fonseca, J. (1992) *Linguística e texto / discurso - teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: Ministério da Educação / Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Gibbs, R. W. (2012) Are ironic acts deliberate? *Journal of Pragmatics*, 44, pp. 104-115.
- Goffman, E. (1974) *Les Rites d'interaction*. Paris : Les Éditions de Minuit.
- Grice, H. P. (1975) Logic and conversation. P. Cole; J. L. Morgan (eds.) *Syntax and semantics 3: speech acts*. New York: Academic Press, pp. 41-58.
- Gumperz, J. (1982) *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1989) *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*. La Réunion : L'Harmattan.
- Günthner, S. (2011) The construction of emotional involvement in everyday german narratives – interactive uses of ‘dense constructions’. *Pragmatics* 21: 4, pp. 573-592.
- Heritage, J. (1985) Analyzing news interviews: aspects of the production of talk for an overhearing audience. In T. A. van Dijk, (ed.), *Handbook of discourse analysis: discourse and dialogue*, vol. 3. London: Academic Press, pp. 95-117.
- Hutchby, I. (1996) *Confrontation talk. Arguments, asymmetries and power on talk radio*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

- Kerbrat-Orecchioni, C. (1986) 'Nouvelle communication' et 'analyse conversationnelle'. *Langue française*, volume 70, numéro 1, pp. 7-25.
- (1988a) L'«échange» comme unité transphrastique dialogale. L'exemple de l'excuse. *Modèles linguistiques*, Tome X, Fascicule 2, pp. 83-103.
- (1988b) La notion de 'place' interactionnelle ou les taxèmes qu'est que c'est que ça ? In. J. Cosnier; N. Gelas; C. Kerbrat-Orecchioni (ed.), *Échanges sur la conversation*. Paris : CNRS, pp. 185-198.
- (1992) *Les interactions verbales. II*. Paris : Armand Colin.
- (1994) Rhétorique et pragmatique : les figures revisitées. *Langue française*, n°. 101, pp. 57-71.
- Labov, W. (1972) Rules for ritual insults. In. W. Labov, *Language in the inner city: studies in the black english vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, pp. 297-353.
- Lagorgette, D. (2003) Les syntagmes nominaux d'insulte et de blasphème : analyse diachronique du discours marginalisé. *Thélème. Revista Complutense de Estudios Franceses*, pp. 171-188.
- Lakoff, R.; Sachiko, I. (eds) (2005) *Broadening the Horizon of Linguistic Politeness*. Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins.
- Laver, J. (1981) Linguistic routines and politeness in greeting and parting. In. F. Coulmas (ed.) *Conversational Routine. Explorations in standardized communication situations and prepatterned speech*. The Hague: Mouton, pp. 289-304.
- Limberg, H. (2009) Impoliteness and threat responses. *Journal of Pragmatics*, 41, pp. 1376-1394.
- Lopes, A. C. M. (2008) A final: elementos para uma análise semântico-pragmática. *Linguística*, vol. 4, n°. 1, pp. 5-18.
- (2009) Justification: a coherence relation. *Pragmatics* 19: 2, pp. 241-252.
- Marlangeon, S. K. (2008) La descortesía en contextos institucionales y no institucionales. *Pragmatics* 18: 4, pp. 729-749.
- Marques, M. A. (2008) Quando a cortesia é agressiva: expressão de cortesia e imagem do outro. In. Fátima Oliveira e Isabel Margarida Duarte (orgs.) *O fascínio da linguagem: actas do colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto: CLUP, pp. 277-296.
- Norrick, N.; Spitz, A. (2008) Humour as a resource for mitigating conflict in interaction. *Journal of Pragmatics*, 40, pp. 1661-1686.

- Palrilha, S. (2009) *Contributos para a análise dos actos ilocutórios expressivos em português*, FLUC. Universidade de Coimbra: Coimbra, Dissertação de mestrado em linguística e ensino, na área de especialização em linguística aplicada.
- Plantin, C. et al. (orgs.), *Les émotions dans les interactions*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon.
- Rodrigues, D. F. (2003) *Cortesia Linguística. Uma Competência Discursivo-Textual*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Searle, J. (1984) *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina.
- Tannen, D. (1989) *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Terkourafi, M. (2008) Towards a unified theory of politeness, impoliteness, and rudeness. In. Derek Bousfield; Miriam Locher (eds) *Impoliteness in language: studies on its interplay with power in theory and practice*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, pp. 45-74.
- Vincent, D.; Turbide, O.; Laforest, M. (2008) *La radio X, les médias et les citoyens. Dénigrement et confrontation sociale*. Québec: Éditions Nota Bene.